

8

O MITO-POEMA DE ALBANO MARTINS

M. HELENA PADRÃO

É ainda necessário iluminar o(s) universo(s) de imagens da poesia de Albano Martins para melhor se compreender o carácter de renovação que ela constitui na Literatura Portuguesa.

A poesia de Albano Martins ou a "poética do instante absoluto", como a designou Eduardo Lourenço¹, persegue uma depuração que encontra no verso curto e no poema breve o espaço da perfeição.

Com as Flores do Salgueiro institui um novo eu que se busca nas formas fugitivas e contingentes da história da humanidade. Nova poética que congrega o mundo da necessidade natural e o mundo humano.

Penetrar na realidade, com a qual o homem mantém uma relação irrisória e duvidosa, não é um caminho de acesso fácil; e, no entanto, o poeta conhece essa realidade, conhece-a interiormente e não apenas subjectivamente. Apenas um signo seria capaz de captar a sacralidade desse conhecimento; apenas o poeta, o ser que padece a sua própria transcendência, é capaz de dizer o eu que é modelo e imagem, utopia e mito numa só voz.

Não é o "real acontecido" que aqui se persegue, mas a funcionalidade ou funcionalidades dos factos que entroncam na complexidade dialéctica da apropriação do passado e do exercício do poder sobre a memória futura. Necessidade emergente de partir da matéria para, na indivisibilidade do sentido que a move, se fixar naquele ponto de luz onde tudo se justifica e explica, a palavra poética realiza-se, instante de todos os instantes, como uma sacralidade que transcende a natureza sem dela sair e a ela regressa, convertendo-a em seu próprio espelho e enunciado.

"No princípio era o verbo ..." soa, na poética de Albano Martins, como o eco do Génesis que se reconstitui como uma

O MITO-POEMA DE ALBANO MARTINS

tentativa de captação duma ordem natural ajustada aos impulsos do indivíduo.

O pendor de narratividade que se abeirava desta poética quando, em *Outros Poemas*:

*tu choravas e eu ia apagando
com os meus beijos os rastos das tuas lágrimas.*³

ou ainda quando nos confessa que:

*Ainda ontem eu falava de ti
serenamente.*⁴

30

vai-se apagando progressivamente para já ser de todo invisível em *Com as Flores do Salgueiro*.

Porque contar é fazer um uso prosaico da poesia, é negligenciar o seu poder encantatório e totalizador, Albano Martins modela o poema breve e magmático, condensador e pulverizador de todos os sentidos, de todos os ecos da memória do passado e do futuro porque, como já revelara anteriormente,

*O ritmo
do universo
cabe,
inteiro,
na pupila
dum verso.*⁵

e porque:

*De lágrimas se molha
o tempo e a memória.*⁶

Estamos em presença do mito-poema, porque produz a reversão do tempo pela subversão do sentido e substitui, no plano verbal, a verdade essencial do mundo, recriando uma realidade que é espelho de uma realidade original.

Assistimos aqui a procedimentos novos entre os quais impera a síntese, uma linguagem sobre a antiga linguagem, que exige do leitor uma atenção redobrada. O leitor apressado sentirá nesta poética uma discordância entre o mundo que aí surge, uma espécie de mundo em férias, e o seu mundo quotidiano.

A verdadeira abstracção poética surge no esforço do poeta ao extrair uma imagem do essencial. Esta busca do mistério é também uma procura do absoluto, escolhendo, entre os

elementos que compõem a memória colectiva/individual, um conjunto de ingredientes emblemáticos que são um cântico sempre renovado. A ascese confunde-se, aqui, com o esgotante combate que o poeta trava para que o poema seja espaço de elevação, com o objectivo primordial de eternizar o sonho do homem.

O mito define-se, segundo Kolakowski (1972)⁷, pela referência a uma liberdade incondicionada, pelo desejo que cada um sente de ver o mundo como matéria significante e realidade significada, desejo que se define, ou como necessidade de compreensão da realidade empírica, ou como necessidade de acreditar na perdurabilidade dos valores humanos. Desejo de ver o mundo como algo contínuo no qual as mutações pudessem ser fruto de uma escolha (e não de leis naturais) que preservasse a continuidade.

*Nem sempre a neve
cai do céu: às vezes,
explode uma flor.⁸*

O desejo de suspender o tempo físico cobrindo-o com a forma mítica do tempo é o *primum movens* do aparecimento do mito, porque assim seria permitido ver que os factos não se esgotam nos factos, mas são também materiais de um mundo de valores que pode ser salvo apesar da irreversibilidade do "real acontecido".

*Maçã - disse a criança.
E era apenas o sol
dependurado nos ramos.⁹*

Albano Martins é um criador de mitos, e eu falo do mito-poema que desvenda o carácter de necessidade que engendra as interpretações sempre renovadas do mundo empírico e descobre uma espécie de matriz pré-existente ao próprio homem.

Não é o mito prometaico ou a epopeia, tal como o entendeu Garaudy (1963)¹⁰. É, tão-só, uma sublime apreensão do imponderável, do fugaz, do efémero de que a vida se compõe e aí se esgota, e é tão-só e também a captação e a plasmação do estável, liberto já da alienação das consciências, porque:

*Mais cedo ou mais tarde
o silêncio virá
perguntar por ti.¹¹*

Albano Martins instituía, deste modo, o mito-poema que se erguia no registo do que subsiste para lá das descon- tinuidades, devolvendo a verdade das origens.

Iluminado pelo passado (passado que se integra no presente e se projecta no futuro), rejeita a abolição deste, e já em *Aproximações ao Real* fazia sobressair este mesmo passado como o espaço do estável e da perdurabilidade, quando afirmava:

*Lento é o rio, rá
pida a sua sombra.*¹²

32

No percurso itinerante em busca da luz ou do conhecimento e construção literária, é o amor e a sua acção transfiguradora que fazem da vida e da poesia uma só e única coisa.

Pelo poder metafísico que o amor confere à memória, o poeta é um deus, capaz de recuperar toda a memória do mundo.

*Um pássaro
no ninho: uma gaiola
perfeita.*¹³

Poeta, poema e mundo configurados num todo.

Se o poema curto e cinzelado aparece disperso em livros anteriores, a poesia oferecida em *Com as Flores do Salgueiro* conduz-nos definitivamente para o mundo do ritmo ou para o ritmo do mundo.

Porque nesta poética permanece o estável e o fragmentário, não é na(s) regularidade(s) isomórficas que se deve procurar o ritmo mas no verso simples e no poema curto que de palavras simples se compõe.

Fraisse (1974), ao estudar o ritmo, afirmava:

"D'une manière générale, on peut dire que plus les formes sont simples et régulières et plus elles sont faciles à percevoir et mémoriser."¹⁴

Pois bem, não há nesta poesia a regularidade para que Fraisse aponta, nem a memorização é o fim que se procura; o que há é a transparência do cristal e a sua regularidade interna, espelho da realidade essencial que está na memória que cada um transporta.

*O dia lega
à noite, em testamento,
a lua.*¹⁵

É a verdade eterna da criação e é transparente e translúcido o poema que a canta. Albano Martins canta ao ritmo do tempo, porque do tempo percebe o ritmo e nele se integra.

E se a morte, tal como afirma María Zambrano,

"vem até nós com o carácter absoluto dos sonhos, vem como um sonho, é um sonho, o sonho total",¹⁶

o poeta perscruta-a na simples constatação do sujeito singular sancionada pela voz colectiva de uma memória colectiva.

*Imagem da morte
é o sono, dizem. Não:
que a morte não dorme.*¹⁷

A morte não traz o adormecimento, a morte traz o esquecimento de um passado já vivido e esgotado porque, tal como a define Zambrano, cria o espaço da liberdade:

"é o corpo que cai com o seu tempo já vivido para que sejamos inteiramente livres".¹⁸

Assim a entende o poeta, que vê na brutalidade da ruptura o encontro com a vida.

*Efémero
é o relâmpago, mas faz
da noite uma aurora.*¹⁹

Albano Martins perscruta o tempo e o seu fazer, emergindo o sujeito poético de *Com as Flores do Salgueiro* um "fazedor" do tempo. Do tempo que é um artefacto porque é produto do homem; do tempo que é mito porque o poeta assim o devolve à sua plenitude.

-
- ¹ Prefácio a *Vocação do Silêncio*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.
 - ² Albano Martins, Porto, Edições UFP, 1995.
 - ³ Id., in *Vocação do Silêncio*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, p. 58.
 - ⁴ Id., *Ibidem*, p. 67.
 - ⁵ Id., *Ibidem*, p. 138.
 - ⁶ Id., *Ibidem*, p. 141.
 - ⁷ Leszek Kolakowski, *A Presença do Mito*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1972.
 - ⁸ Albano Martins, *Com as Flores do Salgueiro*, Porto, Edições UFP, 1995.
 - ⁹ Id., *Ibidem*, p. 83.
 - ¹⁰ Roger Garaudy, *D'un Réalisme sans rivages*, Paris, préf. de Louis Aragon, Plon, 1963, p. 250.
 - ¹¹ Albano Martins, in *Vocação do Silêncio*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, p. 103.
 - ¹² Id., *Ibidem*, p. 196..
 - ¹³ Id., *Com as Flores do Salgueiro*, Porto, Edições UFP, 1995, p. 39.
 - ¹⁴ Paul Fraisse, *Psychologie du rythme*, Paris, P.U.F., 1974, p. 106.
 - ¹⁵ Albano Martins, *Com as Flores do Salgueiro*, Porto, Edições UFP, 1995, p. 53.
 - ¹⁶ *Os Sonhos e o Tempo*, Lisboa, Relógio D'Água, 1994, p.139.
 - ¹⁷ Albano Martins, *Com as Flores do Salgueiro*, Porto, Edições U.F.P., 1995, p. 97.
 - ¹⁸ *Os sonhos e o tempo*, Lisboa, Relógio D' Água, 1994, p. 139.
 - ¹⁹ Albano Martins, *Com as Flores do Salgueiro*, Porto, Edições U.F.P., 1995, p. 49.